

A MÃE DE JESUS PEDE VINHO PARA NÓS

A narrativa evangélica das Bodas de Caná é toda tecida de incoerências históricas, indícios de linguagem figurada. Há muito angu com saborosa carne debaixo. Cabe aqui muito bem a palavra de Bento XVI em *Verbum Domini* n. 19: “ler a Bíblia por curiosidade histórica é esvaziar o sentido da inspiração, é tirar a ação do Espírito Santo, é esquecer Deus presente na nossa história.

As incoerências / o angu

Jesus estava onde João batizava, a mais de cem quilômetros em linha reta da região da Galiléia. Em dois dias já estava lá. A mãe de Jesus – o Evangelista não diz Maria - estava no casamento, Jesus é convidado. “*Eles não têm vinho*”. Por que preocupar-se com eles e com o vinho?

Quantas pessoas estariam presentes num casamento de aldeia? Já meio embriagados, mais seiscentos litros de vinho para quê? “*Mulher, que temos um com o outro, minha hora não chegou!*” Isso é resposta de filho? Que hora é essa? “*Seis talhas de pedra dos rituais de purificação dos judeus*”. Seis, de pedra, dos rituais, vazias, o que faziam no meio da festa? Cheias de água até em cima (seiscentos litros de água numa região mais seca que o Nordeste brasileiro) a água se transforma em vinho. Os que serviam sabiam, o chefe do serviço não sabia. O chefe do serviço, encarregado de organizar a distribuição de comida e bebida, chama o noivo para passar-lhe um pito, porque deixou o vinho melhor para o fim. Há mais, basta observar.

A mãe de Jesus

A mãe de Jesus é figura semelhante a Natanael, “*o verdadeiro israelita, no qual não há engano*”. É a parte boa do povo da Primeira Aliança, casamento de Deus com o povo. Dela nasceu Jesus, dela nasceu a comunidade que nos deu este Evangelho. “*Eles*”, ela se sente distante da instituição religiosa judaica burocratizada, que perdeu o calor da fé, o vinho do espírito.

As talhas, a água, o vinho

No terceiro dia (Ex 19,15-16) aconteceu a Aliança do Sinai, o casamento de Deus com seu povo. A aliança estava escrita em tábuas de pedra. Hoje a lei de Deus está totalmente vazia, foi burocratizada em rituais de purificação que não dizem nada. Seis, está faltando alguma coisa. Os que serviam foram capazes de encher as seis talhas até em cima. Surgiu o vinho do espírito, do ardor, do amor, da convicção que vem de dentro. O vinho da Nova Aliança realiza em plenitude a Primeira.

A hora de Jesus

É sempre, no Evangelho segundo João, a hora da morte de cruz. A mãe de Jesus, a esposa fiel da Primeira Aliança, os inícios judaicos da comunidade deste Evangelho, ainda não estava totalmente unida aos discípulos samaritanos e outros não judeus, que melhor entenderam e aceitaram o amor de Jesus. Na hora de Jesus, a partir da cruz, sua mãe e seu discípulo amado vão se acolher um ao outro, como coisa sua. Ele iria morrer “*não só pela nação, mas também para reunir os filhos de Deus dispersos*” (Jo 11,52).

Maria, hoje

Fica parecendo ingenuamente ridículo pensar que, pedindo a Maria o que quiser, ela pede a Jesus e Jesus concede, como deu seiscentos litros de vinho para aquela festa. Maria, a mãe de Jesus, pede para os seus o vinho que está faltando, o vinho da fé verdadeira, do ardor em realizar o projeto do Pai, a força interior capaz de transportar montanhas e desenraizar amoreiras.

O Papa Francisco tem falado na burocratização da Igreja, que tira o calor humano e transforma tudo em papel, normas e horários. “*Eles não têm vinho*”, é isso que falta e a mãe de Jesus está pedindo.

Será que quando se diz que o ritual diz tudo por si mesmo, não se está aceitando que ele não diga nada e que as talhas de pedra continuem vazias? Fechados nos rituais e na burocracia, esquecidos de sair dos centros e ir para as periferias como pede o Papa, não se está transformando a Lei de Deus, lei da partilha e da solidariedade, em vazias talhas de pedra?

José Luiz Gonzaga do Prado